

As reflexões e as sensibilidades das mães e avós a respeito das perdas violentas de seus filhos e netos no Nordeste brasileiro: uma etnografia da agência subjetiva das mulheres.¹

Leonardo Damasceno de Sá, UFC
Arthur Felipe Lins de Souza Pontes, UFC
Carliana Isabel Nascimento Pereira, UFC

Palavras-chave: violência de estado; mulheres; subjetividade.

Introdução

Guerras entre facções, lutas armadas e muitas mortes causadas por armas de fogo. Meninos e rapazes marcados para morrer. Jurados de morte por inimigos de facções rivais ou então por grupos de extermínio. Jovens policiais militares treinados para a guerra contra as drogas e o crime. Muitos policiais militares inclusive “nascidos e criados” no mesmo contexto das favelas onde atuam como força militarizada de controle e punição extralegal. Regimes de violência com alta letalidade nas zonas de abandono social e campos de extermínios das periferias das metrópoles nordestinas dos anos 2000 para cá.

Vinte anos acompanhando esses cenários de criminalidade e violência letal estão na base do atual trabalho com as mães e as avós dos meninos e rapazes assassinados ou marcados para morrer. Com as redes familiares, dialogamos durante anos para tentar entender o que se passava na favela, na “quebrada”, onde a vida estava por um fio, por uma rua, por uma esquina, literalmente falando. Portanto, foram pesquisas de campo com rapazes e homens situados em espaços e formas de socialidade masculina armada que nos levaram a pensar o lugar das famílias e, por conseguinte, das mulheres nas relações com esses rapazes e homens. Mulheres como mães e avós de meninos e rapazes que foram vítimas de morte por agressão intencional, geralmente por uso de arma de fogo.

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

Desde 2014, portanto, estamos realizando entrevistas em profundidade com mulheres nas periferias da cidade de Fortaleza que tiveram filhos ou parentes próximos assassinados. Já são mais de 40 entrevistadas. Deste modo, o objetivo deste texto é discutir alguns instantâneos com 13 delas que nos permitam nos aproximar da condição sociocultural das mulheres que perderam filhos, pessoas próximas ou outros familiares em contexto de violência letal armada nas periferias das grandes cidades brasileiras. São seus sentimentos, suas interpretações, seus relatos e suas reflexividades que nos importam em primeiro plano. A partir das falas das mulheres sobre suas perdas, dores, luto e buscas por justiça, pretende-se dialogar com as percepções e avaliações delas sobre as situações de desrealização por que passaram.

A condição sociocultural e a agência de mulheres das classes populares, moradoras das periferias das grandes e médias cidades brasileiras, cujas trajetórias biográficas estão marcadas por eventos de perda violenta de seus companheiros, filhos, netos ou sobrinhos (meninos, rapazes e homens, mas também e cada vez mais meninas, moças e mulheres). A problematização que conduz o trabalho passa pela ideia de que a violência letal contra os filhos das mulheres é uma ação de destruição do vínculo de parentesco das redes familiares populares, o que acarretaria em um ataque percebido pelas mulheres como sendo contra seus corpos, suas pessoas, seus desejos, sua saúde física e mental e contra suas expectativas de realização social, que são frequentemente projetadas na vida dos seus filhos. Trata-se de pensar o modo como os agenciamentos das mulheres são alvo de dispositivos de controle, de segregação e de extermínio. Parece haver uma desautorização social estatal dos investimentos libidinais das mulheres em suas redes. A violência do Estado parece ser voltada diretamente contra o corpo da mulher. É a produção da subjetividade na socialidade familiar dessas mulheres que parece ser desautorizada, criminalizada e apagada do convívio social. Seus filhos são classificados como “bandidos”, como perigosos e descartáveis, mesmo quando não possuem relações diretas com ações criminais. São meninos e rapazes que vivem sob ameaça permanente de serem liquidados por estarem sob suspeição sistemática pelos dispositivos da sujeição criminal.

Sejam seus entes familiares assassinados diretamente por agentes do Estado ou em lutas faccionais armadas entre coletivos criminais ou nas prisões ou no sistema socioeducativo, todos são eliminados no contexto estatal de produção das guerras do

crime ou contra o crime nas periferias. Conseqüentemente, essas mulheres nas margens são assoladas por experiências de perda, dor, luto, raiva, impotência, “depressão”, entre outras formas de adoecimento, mas também pela ressignificação que realizam em suas vidas pessoais como lutadoras de uma causa, ou seja, de movimentos e coletivos compostos por “guerreiras”, “mulheres guerreiras”, que denunciam, criticam e formulam publicamente demandas por reparação e justiça, atuando em diversas arenas públicas.

Pode-se afirmar que o universo mais amplo de mulheres que foram o alvo de ações que podem ser classificadas como destruidoras de seus vínculos de parentesco, atingindo, portanto, seu campo de desejo, expectativa e realização, sua própria condição existencial, é marcado negativamente pela força impositiva de invisibilidade e de silenciamento. As mulheres são acusadas de serem responsáveis pelo “envolvimento” de seus filhos com o crime. São culpabilizadas, criminalizadas, recebem uma carga intensa de cobranças e questionamentos. Algumas delas entram em processo de adoecimento e até morte diante desse contexto de desrealização social. Inclusive, são poucas as mulheres que transformam seu luto em luta, para usar uma das palavras de ordem mais relevantes em seu contexto de atuação política. A grande maioria faz parte de uma massa silenciada que vive seu drama sem ter oportunidades de expressividade simbólica sobre suas perdas.

Nas últimas décadas, pelo menos desde 1990, a fala pública das mulheres sobre os regimes de violências e de crimes que assolam as periferias brasileiras se tornou uma das fontes mais relevantes de denúncia, crítica, ativismo, militância e reflexão popular no Brasil. Os sentimentos de injustiça, de sofrimento e de revolta contra as desigualdades que marcam a ação de agentes estatais nas relações entre gênero, estado e violência nas periferias se concentram quando se observa a performance discursiva de coletivos de mulheres, mães, familiares com atuação em diversos contextos de luta pelo poder.

Ao mesmo tempo, tais falas são tratadas como secundárias e sofrem com a indiferença que lhes dedica o poder público, a sociedade civil e os segmentos hegemônicos do campo do poder. As mães sobre os assassinatos de adolescentes e jovens nas periferias brasileiras se tornaram um dos fenômenos mais relevantes do ponto de vista político, ético e acadêmico. Para as ciências sociais dedicadas ao campo

de estudos da violência, do crime e das conflitualidades, a produção de conhecimento com e a partir das lutas das mulheres e redes de familiares de vítimas de violência letal do Estado, no contexto de campos de extermínio que margeiam os governos dos pobres por meio do crime, da polícia e das igrejas.

A maternidade das mulheres moradoras das periferias se tornou um objeto de controle policial, criminal e religioso. Tanto a polícia, quanto o crime, quanto a igreja, disputam com seus dispositivos de controle as questões de natalidade e mortalidade das crianças nascidas em contexto de negação sistemática do direito a existir. A mulher negra grávida é percebida, imaginada, como fonte de "problemas", sendo seus filhos, antes mesmo de nascerem, já classificados como possíveis "marginais". Esses estigmas são difusos e reforçam os esquemas de racismo de Estado que as submete. Nascer menino na favela é estar sob o signo de uma criminalidade atribuída, uma potencialidade que terá de ser infirmada pelo menino e sua mãe ao longo de toda a existência familiar.

Instantâneos das interlocutoras

Teresa, trinta anos de idade, trabalha informalmente com a venda de água de coco e brinquedos na Avenida Beira Mar, cartão-postal da cidade de Fortaleza, onde residem classes altas e ficam os hotéis internacionais. Veio de uma família de cinco irmãos. Seu pai trabalhava, pela prefeitura, na limpeza das ruas. Nasceu no bairro Pirambu, que é um dos mais pobres e ao mesmo tempo a favela historicamente mais antiga da cidade. Foi mãe em sua pré-adolescência. Teve apenas um filho: Pedro. Interrompeu os estudos cedo. Enfrentou vícios. Passou um período em situação de rua. No período em que a entrevista foi feita, disse ser casada e morar no Dom Quintino, em uma casa alugada. Seu marido, padrasto de Pedro, enfrenta vício em drogas e tende a ser violento. Teresa diz que sua relação com Pedro foi conturbada. Durante sua infância, Teresa incentivou-o aos estudos e a manter-se em um estilo de vida seguro. Pedro abandonou a escola, viciou-se em drogas e envolveu-se com o tráfico cedo, sem que sua mãe soubesse. Teresa não sabe como se estabeleceu o envolvimento. Tentou convencê-lo a trabalhar consigo, mas a influência do tráfico foi preponderante. Teresa sofreu ao ver os perigos nos quais o filho estava inserido: sendo ameaçado por facções

rivais à sua, guardando armas em casa e realizando assaltos. Foi expulso da comunidade em que vivia, aos dez anos, por rivalidade entre as facções. Viveu em situação de rua, separado da família, até os quinze, quando restabeleceu contato com a mãe. Teresa tinha planos para o futuro do filho. Estava construindo uma casa para que pudessem viver juntos. Pedro morreu aos quinze anos de idade, antes que esta casa estivesse pronta. Amedrontada, Teresa vendeu tudo e mudou-se para outra localidade da cidade. Não sabe exatamente o que aconteceu com o filho. Tem uma ideia rasa sobre um conflito entre Pedro e o filho de um policial. Pedro deixou-lhe um neto, que, na época da entrevista, tinha dois anos de idade. Teresa não pode visitá-lo, uma vez que ele mora com sua mãe, em um bairro, Barra do Ceará, dominado por facção rival a do seu. Teresa afirma sofrer, hoje, estigma negativo por causa de seu filho.

Francisca nasceu no bairro Bom Sucesso de Fortaleza. Mora hoje no bairro Planalto Pici. Tem quarenta anos. É dona de casa e costureira em uma confecção. Engravidou aos dezesseis anos. Teve três filhos. Rafael, o seu primogênito, deu-lhe dois netos. Rafael trabalhava como cobrador de arrecadações do jogo do bicho de dia e como motorista do uber à noite. Não possuía qualquer envolvimento com atividades ilegais, nem desavenças. Morreu aos vinte e três anos, vítima de um assalto em um posto de gasolina. Hoje, dois de seus filhos e um de seus netos vivem consigo. Com a perda do filho, a família enfrentou uma grande crise. Francisca e seu marido adoeceram. Ela precisou e precisa ser o suporte emocional do lar.

Severina nasceu em Bela Cruz, no Ceará. Filha de agricultores. Teve sete irmãos. Mudou-se para Fortaleza aos onze anos com uma família adotiva, para quem trabalhava como babá. Aos quatorze, voltou para o interior. Casou-se aos dezesseis. Foi mãe aos dezoito anos. Teve dois filhos. Mudou-se mais uma vez para Fortaleza. Levou a mãe e os irmãos. Severina estudou até o oitavo ano do ensino fundamental. Trabalhou em serviços gerais. Divorciou-se e casou-se novamente. Mora na Vila Peri. Seu filho Tiago tornou-se usuário de drogas aos quinze anos e envolveu-se com companhias perigosas. Severina abandonou seu emprego e seus estudos para mudar-se com a família para o interior, onde considerava ser mais seguro para a criação de seus filhos. No interior, Tiago envolveu-se com pessoas ainda mais perigosas que na capital. Trabalhou no tráfico de drogas como avião. Quando descobriu o que estava se passando, Severina foi buscar seu filho em uma comunidade. Enfrentou os traficantes com quem o filho

estava se relacionando, tentando romper suas ligações. Mas Tiago foi ameaçado. Teria que terminar suas vendas até quitar a dívida que possuía. Voltou ao tráfico para concluir esse pagamento. Foi preso durante nove meses no socioeducativo por causa de um assalto malsucedido. Morreu dois meses depois de estar em liberdade, aos dezoito anos. Estava estudando e trabalhando. Maria ouviu várias versões sobre a causa da morte do filho. Ouviu que ele estava se relacionando com a ex-mulher de um faccionado. Que ele havia frequentado um local pertencente a uma facção rival a do seu bairro. A mãe enfrentou e enfrenta crises psicológicas no processo de luto pelo filho. Medicou-se por meses. Parou de trabalhar. Recebeu apoio de parentes e amigos.

Josefa nasceu em Ubaúna, no distrito de Coreaú, do estado do Ceará. Seus pais trabalhavam em roçados e tiveram seis filhos. Mudou-se para Fortaleza aos dezessete anos. Trabalha com serviços domésticos e estuda Ciências Sociais. Tem uma filha de vinte anos. Perdeu a sobrinha, Ana, filha do irmão, que tinha em torno de vinte e quatro anos. Ana foi criada pelos avós. Veio para Fortaleza na adolescência, quando engravidou e iniciou uma família. Mãe de três filhos. Posteriormente, divorciou-se e voltou para o interior. Lá, passou a se relacionar com um rapaz envolvido. Foi presa. Daí em diante, esteve ligada a vários rapazes ligados à criminalidade. Foi afastada pela família, que passou a ter medo de suas companhias. Ela era constantemente alertada por policiais para largar as atividades ilegais das quais participava antes de ser presa novamente sob pena mais severa. O seu último companheiro, um traficante, foi assassinado. Josefa acredita que as mesmas pessoas procuraram a sua sobrinha. Não foi sequer ao velório, com receio de ser atacada.

Penha nasceu em Juazeiro do Norte. Mora em Fortaleza desde os onze anos. O pai era ourives e a mãe costureira. Fugiu de casa aos dezesseis com um funcionário público dos correios, de vinte e dois. Terminou o ensino básico. Iniciou estudo em enfermagem, que não chegou a concluir. Teve nove filhos biológicos e um adotivo. Os filhos mais velhos migraram para Manaus. Seu filho adotivo, o mais novo, Marcos, foi assassinado aos trinta e seis anos. Recebeu seis tiros de um motoqueiro quando estava sentado na porta de sua casa. Marcos havia saído de casa aos dezoito anos, quando se casou. Tinha dois filhos. Era radiologista. Ele havia sido preso durante um dia por portar uma arma, mas respondeu em liberdade. Essa arma foi comprada como proteção quando ele teve a casa invadida e seus pertences roubados. Na adolescência de Marcos,

Penha ouviu falar que ele estava começando a possuir companhias perigosas. Desconfia que o filho possa ter se envolvido com tráfico de drogas. Existem também comentários de que ele possa ter sido assassinado por uma trama de ciúmes ao ter se envolvido com uma mulher comprometida. Mas não se sabe exatamente quem foi seu assassino e qual foi a sua motivação. A entrevista foi feita dois anos após a morte de Marcos.

Iolanda nasceu na Serra do Lajedo de Palmas, no Ceará. Os pais se separaram quando ela era um bebê. Teve um irmão. Começou a trabalhar aos oito anos de idade, colhendo café e algodão. Na adolescência, trabalhou como babá em Fortaleza. Depois, ajudou o padrasto no trabalho de fabricação de móveis. Estudou até a quinta série. Casou-se. O marido é mecânico. Mora no Bom Jardim. Mãe de três filhos. Perdeu um, João, aos quatorze anos. Ele só frequentava os arredores da vizinhança. A mãe temia que ele fosse vítima da violência local quando estava fora de casa. Desconfiava de suas companhias. João estava na calçada conversando e bebendo com amigos quando chegou uma pessoa atirando. Os presentes se dispersaram. João foi baleado na tentativa de fugir e morreu durante o transporte ambulatório. A entrevista foi feita um ano após sua morte. Iolanda ouviu boatos de que seu filho teria sido batizado no crime. Não acredita. Sua teoria é de que ele possa ter entrado em confusão por causa de seu temperamento agressivo. O assassino de João era seu amigo de infância. Foi preso no mesmo dia. Iolanda buscou conforto para a sua dor na igreja.

Berenice nasceu em Itaitinga. Mudou-se para Fortaleza ainda muito pequena, quando seu pai terminou de cumprir uma pena de prisão. Teve três irmãos. Completou o ensino médio. Casou-se aos dezoito anos. Mãe de três filhos. Passou alguns anos cuidando de casa. Começou a trabalhar como inspetora de qualidade. Divorciou-se. Perdeu André, o filho do meio, que tinha vinte anos. André foi criado restrito ao ambiente doméstico. Na adolescência, frequentava praças e praias com amigos conhecidos pela vizinhança. Abandonou os estudos enquanto começava a trabalhar em uma oficina mecânica. Entre seu círculo de amigos da vizinhança havia pessoas que estavam iniciando envolvimento na criminalidade. Berenice se preocupava e o orientava a ser cauteloso. O assassinato ocorreu quando motoqueiros desconhecidos invadiram a região e atiraram desordenadamente sobre quem estivesse presente. Na ocasião, André se encontrava com amigos. Tentando escapar do ataque, levou três tiros. Berenice ouviu que a ação teria sido um assassinato por encomenda que mirava alvos específicos. Seu

filho não era visado, mas foi atacado por estar no local. Ouviu ainda que os assassinos seriam policiais. Recusou-se a buscar mais informações com medo de sofrer retaliações. Enfrentou e enfrenta muitas dificuldades psicológicas no processamento do luto pela morte do filho.

Normanda nasceu em Acaraú. Seu pai era agricultor e sua mãe cuidava de casa. Teve doze irmãos. Casou-se aos dezesseis anos. Saiu de Acaraú aos vinte e dois. Mãe de três filhos. Sua família era comerciante. As más vendas influenciaram a se mudar para Fortaleza à procura de melhoria econômica. Divorciou-se. Hoje trabalha com serviços gerais e com a venda de jóias. Normanda havia perdido o irmão, Ramon, de quarenta e sete anos, há nove meses da data da entrevista. Ele morava em Caucaia. Tinha um sítio e quatro filhos. Ramon foi assassinado a tiros na porta de casa. A história não foi esclarecida. Acreditam ter sido um assalto. O vizinho ouviu tiros, e o corpo foi encontrado sem celular. Acreditam que o aparelho tenha sido levado na abordagem. A família enfrentou fortes crises psicológicas pela perda. Normanda teve ansiedade e pânico por meses. Encontrou apoio na igreja.

Matilde nasceu em Aratuba, onde morou até os dez anos. Filha de agricultor e dona de casa. Teve sete irmãos. Os pais se separaram. A mãe mudou-se para Fortaleza. Trabalhava em uma fábrica de castanhas. Entregou alguns filhos para famílias adotivas. Matilde foi uma dessas. Passou por várias famílias até chegar na que ficou dos dez aos vinte e cinco anos. De início, trabalhava nessa casa como babá. Estudou em escola particular até a oitava série. Mais tarde, precisou interromper os estudos para trabalhar no salão da família adotiva. Iniciou um curso e um estágio em enfermagem, que também precisou largar por insistência da mãe adotiva, que lhe queria trabalhando em seu salão. Casou-se aos vinte e cinco anos. O marido já possuía três filhos, que ela passou a cuidar. Ainda veio a ter mais três filhos com ele. Trabalhou durante anos como manicure e faxineira. Enfrentou dificuldades financeiras durante a criação das crianças, principalmente nos períodos em que o marido estava desempregado. Não conseguiu aposentar-se. Perdeu os filhos Francisco e Marcela, de dezessete anos e vinte e três anos. Francisco fazia o sétimo ano do ensino fundamental. Vendia drogas. Havia sido preso uma vez por quarenta e cinco dias por portar arma. Foi assassinado na esquina de casa em uma luta armada. A história envolve uma rixa por causa de um assassinato que ele havia cometido. Matilde ouviu rumores de que sua casa seria invadida e atacada por

uma facção durante o velório do filho. Marcela, por sua vez, fazia o segundo ano do ensino médio. Trabalhou na EXPOECE, vendia produtos de beleza e prestava serviço de manicure. Também vendia drogas. Teve o primeiro filho aos dezoito anos. Foi assassinada por membros do tráfico por causa de uma transação mal sucedida. Deixou três filhos, que foram criados por Matilde. A mais nova morreu de um adoecimento grave ainda bebê, pouco tempo depois da mãe. O marido de Matilde teve depressão com tendências suicidas no processo de luto. Matilde foi o suporte emocional de toda a família. Buscou consolo para si na igreja.

Kelly nasceu em Fortaleza. Foi criada pela avó, com quem pedia esmola. Estudou até a terceira série, aos dez anos, em escola pública. Casou-se pela primeira vez aos quinze anos. Teve quatro filhos. Divorciou-se. Criou os filhos sozinha. Enquanto trabalhava durante todo o dia, os filhos saíam da escola para estar na rua. Antônio assaltava e traficava. Ele foi para FEBEM aos quatorze anos. Ao sair, ganhou fama e passou a participar de crimes mais complexos, como assalto a banco. Foi assassinado aos vinte e um anos. Na época, ele havia perdido um amigo. Estava abatido e falava sobre vingança. Dias depois, foi morto em uma tocaia. É, aparentemente, uma história de conflito entre facções. Após o homicídio do filho, surgiram comentários de que Kelly também seria assassinada. As pessoas passaram a ter medo de se aproximar dela. Kelly temia até mesmo visitar o túmulo do filho por ter tido impressão de estar sendo perseguida. Focou no trabalho para se distrair da dor. Tomou remédio controlado por meses.

Regina nasceu em Eusébio. Seu pai era agricultor e sua mãe cuidava da casa. Teve quatro irmãos. Perdeu a mãe aos cinco anos de idade. Seu pai não se casou novamente. Regina e os irmãos foram criados pela avó materna. Cuidava da casa e fazia rendas de bilro para venda desde a infância. Estudou até o quarto ano do primário, época em que se casou. Tinha dezessete anos. Teve quatro filhos. Separou-se do marido, deixando os filhos com ele. O marido era um policial alcoólatra viciado em jogos. Negligenciou a criação das crianças. Após o divórcio, Regina seguiu uma série de diferentes trabalhos. Não casou-se novamente, nem teve outros filhos. Quando o ex-marido morreu, seus filhos vieram morar consigo. Alguns estão com ela até hoje. Carlos, que tinha sua própria casa, era casado e tinha seis filhos, foi vítima de homicídio. Era vigilante. Não se lembra da idade do filho, mas estima que ele tenha

morrido em torno de trinta e oito anos. Foi assassinado enquanto trabalhava. Tentaram levar sua arma em um assalto. Ele reagiu e foi atacado. Após sua morte, sua família foi reestruturada.

Jaqueline nasceu em Barbalha. Mudou-se para Juazeiro. É filha de agricultores. Teve seis irmãos. Estudou até a quinta série. Começou a trabalhar aos vinte anos na secretaria de educação de Barbalha. Tornou-se professora de ensino fundamental. Aposentou-se em dois mil e oito. Teve doze filhos. Três foram assassinados. José, Rodrigo e Beatriz. José foi-se embora há dez anos da data da entrevista. Jaqueline disse que ele dava-lhe trabalho. Consumia drogas e vendia suas coisas. Estudou até a terceira série. Foi assassinado aos vinte e três anos, em uma madeireira, em dois mil e nove. Ouviu a história de que ele costumava frequentar o local para jogar dominó com o vigia. Em um dia de revezamento de funcionário, ao tentar entrar, não foi reconhecido pelo substituto, que lhe atirou. Rodrigo, por sua vez, saiu cedo da casa da mãe. Foi preso. Mataram-no dois anos depois de ter saído da prisão. Jaqueline escutou a história de que ele teria sido assassinado em uma tocaia por um conhecido que visava roubar-lhe uma moto. A sua filha Beatriz trabalhava desde a infância, vigiando carros, para complementar a renda de casa. Finalizou o ensino básico. Era uma mulher transgênero. Foi assassinada aos vinte e nove anos por um homem que lhe buscou em casa para dar uma volta. Jaqueline suspeita que este homem devia dinheiro à Beatriz.

Bárbara nasceu em Furnas e cresceu em Marco, no Ceará. Seus pais se separaram quando ela tinha quatro anos de idade. A mãe saiu de casa e o pai distribuiu os filhos em um caçoar. Teve quatro irmãos. Foi adotada pela tia-avó, que também havia criado sua mãe. A tia-avó trabalhava em uma fábrica de castanha. O pai adotivo era agricultor. Bárbara estudou em colégio particular até o oitavo ano do ensino fundamental. Migrou para Fortaleza aos dezessete anos para trabalhar na casa de um primo como babá. Teve vários empregos temporários como empregada doméstica. Hoje trabalha como cuidadora de idosos. Casou-se e teve dois filhos. Eles nasceram e foram criados no Conjunto Palmeira II. Perdeu o filho, Reginaldo, que tinha dezessete anos, na chacina do Curió, há quatro anos da data da entrevista. Reginaldo havia interrompido os estudos na quinta série, retomando posteriormente com o EJA. Trabalhou por um período em um buffet. Não possuía nenhum envolvimento com criminalidades. Foi dormir na casa de um amigo para jogar videogame. Eles foram abordados de surpresa e

assassinados por policiais na calçada de casa. Bárbara entrou para a militância para dar escape à sua dor e lutar por justiça.

Um universo de semelhanças e diferenças

Procuramos fazer, aqui, um delineamento aproximativo entre os perfis e as histórias das nossas interlocutoras. Suas particularidades demandam a apresentação singular e integral de cada entrevista. Há algumas convergências entrecortadas por variadas divergências e singularidades. Assim, essa apresentação se faz possível por meio de generalizações e recortes arbitrários.

As proveniências dessas mães são mais ou menos diversas em situações de pobreza. Mulheres brancas e negras que nasceram no interior do estado do Ceará ou em periferias de Fortaleza. Filhas de famílias numerosas, muitas delas de agricultores. Nascidas entre um grande número de irmãos e irmãs. Essas mulheres começaram a trabalhar muito cedo, ajudando a cuidar da casa e dos irmãos enquanto os pais trabalhavam fora, ou executando trabalho externo para complementar a renda familiar. Ter colhido algodão para trocar por uma sandália para calçar, ter tido somente café e feijão para comer o dia inteiro, ter pedido esmolas e ser impedida de brincar com os vizinhos ou de dar maiores atenções aos estudos para cuidar dos afazeres domésticos foram tipos de realidades experimentadas nessas infâncias. Algumas foram criadas por suas famílias biológicas. Outras foram doadas para parentes próximos ou para estranhos. Relatos sobre violências, agressões e abusos sofridos nos tempos de juventude são comuns. Apanharam por gastar o dinheiro ganho no trabalho sem a permissão dos pais, por não terem se comportado na escola ou por terem negligenciado os serviços domésticos. Violências produzidas por pais e cuidadores que deixaram cicatrizes corporais, mostradas a nós durante as interações de entrevistas. Há, entre essas mães, quem tenha abandonado os estudos por não ter sequer como equiparar-se às condições de higiene dos colegas, sofrendo constrangimentos. Por terem apresentado sinais de gravidez. Há quem tenha tido que andar grandes caminhos a pé entre a escola e a casa. Há quem, ao falar da escola, só se lembre da merenda. Há quem tenha tentado equilibrar os estudos com os afazeres e trabalhos. Em sua maioria, mais cedo ou mais

tarde, o abandono da escola entre elas foi, de todo modo, precoce, e encaminhou invariavelmente para a vida familiar e laboral.

Essas mulheres tornaram-se mães geralmente na adolescência. Muitas tiveram vários filhos seguidos entre breves intervalos de tempo. Algumas casaram-se com os pais dos meninos e tornaram-se donas de casa. São comuns os relatos de violência doméstica nesses matrimônios. Agressões físicas às mulheres e aos filhos. Ameaças de morte por ciúmes. Proibição de atividades externas, como estudo ou trabalho. Esses foram contextos que levaram a dissoluções familiares, após a qual estas mães se tornaram cuidadoras solitárias de suas crianças. Os pais divorciados se eximem das funções de cuidado e de provento financeiro. Às mães restaram todas as atribuições familiares.

As oportunidades de trabalho às quais conseguiram ter acesso foram bastante precarizadas e limitadas a atividades específicas. Tornaram-se empregadas domésticas, limpadoras, babás, cuidadoras de idosos, enfermeiras, manicures, costureiras ou vendedoras de vestuário. Muitas trabalharam (e ainda trabalham) em longos turnos, sem apoio para o cuidado dos filhos, que foram deixados em casa ou na escola, sob a companhia dos irmãos e irmãs, da vizinhança, dos colegas e professores. As rotinas dessas mulheres foram (e ainda são) cansativas e difíceis. Muitas se enxergam ou são vistas como guerreiras por, entre outras coisas, darem conta de uma infinidade de afazeres e compromissos. O centro de seus esforços foi o objetivo de proporcionar a seus filhos boas formações educacionais, condições de moradia, de alimentação, de saúde e de cuidados. As longas jornadas de trabalho que empreenderam e as baixas rendas que conseguiram adquirir impossibilitaram as realizações satisfatórias desses objetivos.

O significado de se tornar mãe é descrito por essas interlocutoras como o de um ponto de virada em suas trajetórias. A vida do filho se imbrica à vida da mãe. São comuns as falas de que havia uma vida antes que foi interrompida para tornar-se outra depois do nascimento do filho. Algumas mães falaram que deixaram de ser as pessoas que eram antes. Que até se esqueceram de quem eram. Seus planos e destinos se ligaram aos das pessoas que nasceram de si e que cresceram sob seus cuidados. Seus

sonhos são os sonhos que têm para os futuros de seus filhos. Suas principais preocupações são os problemas e riscos que esses filhos enfrentam. Seus trabalhos e esforços são para o cuidado deles. As suas felicidades são aquelas compartilhadas com esses meninos.

Esses jovens nascem e crescem nas periferias de Fortaleza. Enquanto as mães trabalham, são deixados em casa, com os irmãos, ou em escolas da rede pública de ensino. É comum que se relacionem bem com a vizinhança e tenham amigos de diversos perfis pela região. Ao crescerem, o contexto violento da cidade e a presença de organizações de facções apresentam oportunidades de destino perigosas e arriscadas. Há aqueles rapazes que não se envolvem diretamente com as atividades criminais, mas que são amigos de envolvidos. Há aqueles que por meio das redes de contato se inserem nessas atividades, entrelaçando-se gradativamente em situações cada vez mais tensas. Alguns chegam ao ensino médio, alguns abandonam cedo os estudos e alguns seguem longos períodos de estadias em programas socioeducativos. Alguns começam a trabalhar em empregos formais, e alguns encontram oportunidades de obtenção de renda primeiramente em atividades criminais. Alguns seguem solteiros, e alguns se casam cedo, tendo filhos e construindo novas famílias. Alguns mudam-se para uma casa própria, alguns continuam a morar com suas mães. Em todo caso, os laços entre mães e filhos permanecem estreitos, estando sempre estes sob os cuidados daquelas. Algumas dessas mães esperavam que seus filhos, por meio dos estudos e do trabalho, pudessem se estabilizar na vida. Algumas delas ajudavam os filhos a cuidarem dos netos. Outras acompanharam afluente as trajetórias dos que se envolviam criminalmente, armazenando drogas e armas em casa, participando de assaltos e cometendo assassinatos. Essas temiam pelas vidas dos filhos e pelas suas próprias e tentaram a todo custo exercer forte influência para dissuadi-los da participação nas atividades criminais. Há relato de mãe que correu pela vizinhança para esconder a arma do filho em meio a uma batida policial, protegendo-o da prisão. A mãe que invadiu a comunidade faccionada para resgatar o filho, enfrentando líderes armados. E houve aquelas que conviveram com os filhos entre os dias de visitas agendadas nas prisões. Sempre presentes, preocupadas e protetoras.

Os diferentes perfis desses rapazes produzem expectativas e previsões diversas para suas mães. As mães daqueles que não estão relacionados com nenhuma atividade criminal estimam vida longa para seus filhos, aguardando que eles construam suas próprias famílias e alcancem uma situação financeira de conforto. Uma preocupação eventual é sobre a companhia que possuem e lugares por onde andam. Aconselham a não visitarem vizinhanças distantes e desconhecidas, nem a se relacionarem com pessoas envolvidas em atividades criminais, para não sofrerem riscos indiretos de ataques e violências. As mães dos rapazes que estão inseridos em atividades criminais possuem expectativas mais frágeis e imediatas. Algumas se esforçam fortemente para dissolver os envolvimento criminais dos filhos. Tentam arranjar-lhes um trabalho formal. Tentam levá-los para uma igreja. Em alguns desses casos, os rapazes prometem às mães atenderem aos seus planos de mudança de vida. Alguns iniciam uma transição. Há então uma relativa renovação de expectativas. Mas nas situações mais radicais, em que há uma perda enorme da influência das mães sobre os seus filhos, elas aguardam, com bastante aflição, por uma prisão ou morte próxima.

As mortes daqueles rapazes sem envolvimento qualquer com criminalidades são inesperadas. Muitas acontecem em assaltos armados, em que eles são vítimas. Alguns são assassinados em ataques indiscriminados de facções em uma vizinhança. Outros são, ainda, mortos por policiais em chacinas arbitrárias e desordenadas. E há aqueles mortos sem motivos aparentes ou conhecidos. Os assassinatos dos rapazes que possuem envolvimento, por sua vez, ocorrem durante episódios de grande tensão. A execução de um assalto, de uma grande venda de drogas, em meio a uma rivalidade faccional ou durante um projeto de vingança em uma série de mortes antecedidas que afligiram algum parceiro ou nas quais tiveram alguma participação. Algumas notícias sobre essas mortes chegam mais rápido do que outras. Há mães que passam horas ou dias sem ter comunicação com o filho, até serem contatadas pela polícia para fazer um reconhecimento de corpo no IML. Há mães que recebem a notícia do ataque quando seus filhos já estão no hospital, internados, para onde vão correndo visitá-los. Há aquelas que são informadas instantes depois do ataque e ainda conseguem encontrar os seus filhos vivos e ensanguentados, saindo, transtornadas, a procurar por ajuda. E uma série de eventos traumáticos se desenrolam entre os recebimentos dessas notícias aos

enterros desses rapazes. Há relato de mãe que em meio ao desespero dirige-se a um líder faccional para culpá-lo pelo acontecimento e cobrá-lo um velório para o seu filho. Há mães que ouvem boatos de que suas casas podem ser atacadas durante os velórios e que os realizam sob estado de alerta. Há mãe que recebe visita de um pai ausente para culpá-la pela morte do filho diante da criação que lhe deu. Há mãe que precisa ser fortemente medicada para acompanhar toda a cerimônia. Há mãe que não consegue chorar e é julgada por isso. E até mesmo as visitas às lápides, posteriormente, podem ser arriscadas, quando os inimigos dos filhos vandalizam seus túmulos e rondam a região.

A vida em luto se faz difícil para toda a família. Essas mães contam que muitos de seus filhos, irmãos e irmãs dos rapazes mortos, se engajam em projetos de vingança. Os pais desses garotos enfrentam fortes quadros depressivos e vocalizam idealizações suicidas. Essas mães, também adoecidas, medicadas, enfraquecidas e traumatizadas precisam abafar os seus conflitos internos, calar as suas dores e reunir forças para dar suporte às suas famílias, intervindo para que não se sucedam mais desgraças. Elas continuam a trabalhar dentro e fora de casa, e muitas vezes tornam-se responsáveis pelos netos que esses filhos deixaram. As vidas dos filhos e netos que sobrevivem apresentam novas e maiores preocupações diante do medo de que repitam os destinos dos meninos que se foram.

Essas perdas desencadeiam profundos efeitos nas subjetividades dessas mulheres. Algumas não se enxergam mais como mães. Algumas sentem que perderam um pedaço de si. Algumas delas acreditam que mudaram definitivamente, e de maneira negativa. Entristecimento, endurecimento, adoecimento. E suas perdas se associam a elementos internos e externos. As casas onde moram, os lugares que frequentam, as músicas que ouvem, as comidas que preparam e os objetos que lhes rodeiam são referências que regularmente lhes remetem às lembranças dos filhos. Em alguns casos, são necessárias estratégias de mudança para desviar-se dessas memórias. Reconstrução do espaço circundante e do cotidiano. Os estigmas que lhes atribuem socialmente são também fatores que lhes causam grandes impactos. Os perigos representados pelos filhos são, por vezes, transferidos para as imagens de suas mães. Algumas delas precisam mudar-se para novas localidades, onde inserem-se em novas redes sociais.

Essas mães dizem não conseguir esquecer os filhos perdidos em nenhum dia sequer. Falam que a dor da perda não passa, somente transforma-se. Algumas delas têm alguma noção do que aconteceu. Outras não possuem ideia alguma. Algumas delas querem entender o que aconteceu com seus filhos. Outras preferem não esclarecer as histórias. Algumas vão atrás de justiça judiciária. Essas lidam, no início do processo, com uma polícia desinteressada e hostil. Há relatos de negligência e de constrangimentos nesses atendimentos. De desinteresse institucional pelo andamento de investigações e julgamentos. De ausência de iniciativa. De desrespeito - como um policial que diz que tem mais o que fazer do que investigar morte de “bandido” e que bate na mãe que lhe procura. Outras mães, temerosas, deixam tudo para trás. Desacreditam da ideia de justiça e de responsabilidade protetora do Estado. Buscam na religião e no trabalho oportunidades de recuperação de suas vidas. Recente ou distante, a perda de um filho é descrita pelas mães como a pior experiência pela qual uma pessoa pode passar.

Ser mãe, ser avó e as lutas das mulheres das periferias

Para as mulheres de periferias, a “norma” que elas aprendem ainda quando crianças - nascer, crescer, se reproduzir e morrer - é bem mais do que algo aprendido em algum momento da infância. Essa é a realidade de suas mães, de suas avós, de suas bisavós e etc. As mulheres nascem com uma trajetória praticamente pré-determinada, afinal, sempre foi assim, por que haveria de mudar?

O aprendizado referente ao cuidado de outros é tido desde muito cedo, mas não através de brincadeiras de bonecas ou algo do tipo, não somente assim, por diversas vezes esse aprendizado é real e bem concreto. Desde a infância cuidam de seus lares, e já na adolescência essas meninas-mulheres aprendem que precisam buscar o sustento também de seus lares. O cenário dos estudos nem sempre pode aparecer como uma possibilidade, dentro de seus contextos sociais, não é algo prioritário para gerar o sustento familiar.

Não demora muito para que essas jovens se tornem mães e a partir desse momento, elas não estão mais contribuindo em seus lares familiares, elas estão construindo suas próprias famílias, suas próprias vidas.

Ao se tornarem mães, o seu grande foco de vida passa a ser a criação de seus filhos. Agora é a vez de tentar garantir que seus filhos tenham acesso aos estudos, quem sabe, assim, eles possam ter uma sorte melhor em suas trajetórias? Com isso, essas mães passam a trabalhar cada vez mais e em muitas situações trabalham em mais de um local e em mais de uma função. Essas mulheres sempre viram suas mães, avós e etc., trabalhando com qualquer serviço que aparecesse, isso então lhes é dado, como herança, trabalhar com qualquer serviço que apareça.

Com isso os anos vão se passando e essas mães continuam firmes em seu principal objetivo, que seus filhos tenham uma sorte melhor na vida. E nesse caso, a palavra “sorte” é mais do que adequada, se imaginarmos que seu filho mais velho tem 14 anos, ele certamente já tem colegas, amigos e até mesmo familiares que faleceram de maneira precoce. O maior desejo dessa mãe, nesse momento, é que seu filho possa crescer.

No entanto, essa não é a realidade que se apresenta para as mães e avós aqui observadas, que representam tantas e tantas mulheres do Nordeste brasileiro. São mulheres que vivem cotidianamente em contextos de violência urbana, o momento da morte de seus filhos e netos, não é um fenômeno isolado e ocorrido de maneira aleatória, o receio de que eles partam precocemente surge desde o seu nascimento.

São mulheres que não se surpreendem se a polícia para em frente a sua casa no momento que elas e seus familiares estão jogando conversa fora na calçada e, “de repente”, os policiais os abordaram. Revistam os homens da família que estão na calçada alegando estarem em busca de algum fugitivo ou qualquer narrativa semelhante. Quando é colocado aqui que os homens são abordados, crianças e adolescentes também estão inclusos. De nada adianta que essas mães intervenham com pedidos como “deixa ele de fora, ele só tem 14 anos”, a abordagem é realizada da mesma maneira.

Neste momento, não existe mais somente o receio de perder seus filhos, maridos, sobrinhos, netos e etc., existe também a raiva pela desumanização que eles recebem e elas se sentem impotentes. Mães sempre sentem quando algo está errado. Se o filho chega em casa cabisbaixo e tenta se isolar, elas sabem que algo aconteceu, mas se eles receberam um *baculejo* violento da polícia ou foram ameaçados por alguém faccionado, o que poderia ser feito? Como poderiam reagir? Com isso, a raiva e o medo de perdê-los só aumenta na vida dessas mães.

Até que se chega o momento em que o medo é concretizado, mães e avós perderam seus filhos e netos. Embora a vida inteira esse fosse um medo presente, para elas, não é natural que uma mãe ou uma avó enterre seu filho ou seu neto, é uma quebra do fluxo natural da vida. Quem deve responder por essa quebra então? O Estado? Outros jovens que (Deus sabe como, dizem) se tornaram assassinos de seu filho ou neto? Não importa quem seja, é essencial que haja uma resposta. Não foi um objeto ou animal que se foi precocemente, elas costumam lamentar, e também não foi qualquer pessoa, foi quem elas dedicaram suas vidas, seu suor, sua labuta, para elas, não é justo que acabe assim. Mas onde encontrar essa justiça?

Em diversas situações, a impossibilidade de ver justiça ocorrerem a partir do aparato do Estado, essas mulheres encontram conforto em espaços religiosos. No entanto, jamais elas se colocam em um contexto de conformidade, pelo contrário. Surge então, sentimento de revolta, misturados com sentimentos de dor, de perda, de desesperança e vários outros que de início lhes desnorream, mas, com o passar do tempo, são esses sentimentos os responsáveis por fazerem com que essas mulheres sigam em frente.

Em frente para onde? Elas dão continuidade então, ao ciclo da vida, não ao caminho que ouviram na infância - nascer, crescer, se reproduzir e morrer – mas ao ciclo de violência tão fortemente enraizado em seus contextos coletivos e subjetivos. Um ciclo nada natural, uma produção social e estatal do abandono e do extermínio.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Patricia. Ocupações: territórios em disputa, gêneros e a construção de espaços comum. In: BIRMAN, P.; LEITE, M. P.; MACHADO, C.; CARNEIRO, S. (org.). **Dispositivos urbanos e trama dos viventes: ordens e resistências**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015. p. 163-186.

BIRMAN, Patricia; FERNANDES, A.; PIEROBON, C. Um emaranhado de casos: tráfico de drogas, estado e precariedade em moradias populares. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p.431-460, dez. 2014.

BRITES, Jurema; FONSECA, Cláudia. As metamorfoses de um movimento social: mães de vítimas de violência no Brasil. **Análise Social**, Lisboa, n. 209, p. 858-877, dez. 2013.

COELHO, Maria Claudia. Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 265-285, out. 2010.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 37, p. 9-41, jul./dez. 2011.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 58, p. 59-73, abr. 2010.

FELTRAN, Gabriel de Santis. A gestão da morte nas periferias de São Paulo: um dispositivo entre governo e crime (1992-2011). In: LIMA, A. C. S.; GARCÍA-ACOSTA, V. (org.). *Margens da Violência: subsídios ao estudo do problema da violência nos contextos mexicano e brasileiro*. Brasília, DF: ABA, 2014. p. 171-209.

GRILLO, Carolina Christoph; POLICARPO, F.; VERÍSSIMO, M. A “dura” e o “desenrolo”: efeitos práticos da nova lei de drogas no Rio de Janeiro. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 19, n. 40, p. 135-148, out. 2011.

LACERDA, Paula. O sofrer, o narrar, o agir: dimensões da mobilização social de familiares de vítimas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 42, p. 49-75, jul./dez. 2014.

LEITE, Ingrid Lorena da Silva. “É meu direito como mãe”: narrativas de mulheres integrantes do grupo de mães do sistema socioeducativo de Fortaleza. Fortaleza: UFC, 2018.

LEITE, Márcia Pereira. De territórios da pobreza a territórios de negócios: dispositivos de gestão das favelas cariocas em contexto de “pacificação”. In: BIRMAN, P.; LEITE, Márcia Pereira; MACHADO, C.; CARNEIRO, S. S. (org.). *Dispositivos urbanos e trama dos viventes: ordens e resistências*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015. p. 377-401.

MACHADO, Carly Barboza. Conexões e rupturas urbanas: projetos, populações e territórios em disputa. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 93, p. 1-20, fev. 2017.

MALVASI, Paulo Artur. Entre a frieza, o cálculo e a “vida loka”: violência e sofrimento no trajeto de um adolescente em cumprimento de medida socioeducativa. *Saúde Soc*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 156-170, jan./mar. 2011.

SÁ, Leonardo. A condição de bichão da favela e a busca por consideração: Uma etnografia de jovens armados em favelas à beira-mar. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 4, p. 339-355, 2011.

SANTIAGO, Vinicius. A maternidade como resistência à violência de Estado. **Cadernos Pagu**, v.55, p.1-41, 2019.

SEGATO, Rita Laura. Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 207-236, abr. 2006.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. A política na favela. *Dilemas: Rev. Estud. Conflito Controle Soc.*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 699-716, out./dez. 2011.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Polícia e violência urbana em uma cidade brasileira. *Etnográfica*, Lisboa, v. 15, n. 1, p. 67-82, fev. 2011.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Sociabilidade violenta: por interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 19, n. 1, p.53-84, jan./jun. 2004.

SILVA, Luiz Antônio Machado da; LEITE, Márcia Pereira. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? *Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 545-591, set./dez. 2007.

TELLES, Vera da Silva. Fronteiras da lei como campo de disputa: notas inconclusas a partir de um percurso de pesquisa. In: BIRMAN, P.; LEITE, M. P.; MACHADO, C.; CARNEIRO, S. S. (org.). *Dispositivos urbanos e trama dos viventes: ordens e resistências*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015. p. 55-76.

VIANNA, Adriana. Tempos, dores e corpos: considerações sobre a “espera” entre familiares de vítimas de violência policial no Rio de Janeiro. In: BIRMAN, P.; LEITE, M. P.; MACHADO, C.; CARNEIRO, S.S. (org.). Dispositivos urbanos e trama dos viventes: ordens e resistências. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015. p. 405-418.

VIANNA, Adriana. Violência, Estado e gênero: considerações sobre corpos e corpos entrecruzados. In: LIMA, A. C. S.; GARCÍA-ACOSTA, V. (org.). Margens da Violência: subsídios ao estudo do problema da violência nos contextos mexicano brasileiro. Brasília, DF: ABA, 2014. p. 209-237.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A guerra das mães: dor e política em situação de violência institucional. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 37, p. 79-116, jul./dez. 2011.

VIANNA, Adriana; LOWENKRON, Laura. O duplo fazer do gênero e do Estado: interconexões, materialidades e linguagens. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 51, p. 1-61, 2017.

VIEIRA, Danielli. Correndo pelo certo, vivendo no crime: moral, subjetivação e comensurabilidade na experiência de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas. Florianópolis: UFSC, 2014.